

Tensão com governo e EUA puxa dólar a R\$ 5,76

Incertezas com corte de gastos e eleição americana levaram a mais uma sessão de alta

O dólar ganhou terreno na tarde de ontem e encerrou a R\$ 5,7616, após subir 0,92%, no segmento à vista, maior valor de fechamento desde 30 de março de 2021, e com o real com o pior desempenho entre as principais moedas das economias emergentes. Houve relatos de fluxo de saída e frustração de operadores pela ausência de medidas para corte de gastos do governo, prometidas para depois das eleições municipais. Também houve pressões de fora sobre o câmbio no Brasil, relacionadas à eleição americana. Segundo analistas, enquanto a vitória da democrata Kamala Harris não traria grandes mudanças, a do republicano Donald Trump seria inflacionária, pois ele promete dificultar as importações. Isso poderia levar o Federal Reserve



Haddad, em evento com Lula no dia 18; ministro da Fazenda ainda vai levar programa de cortes a presidente

(Banco Central americano) a recuar do ciclo de cortes de juros. O agente de câmbio da Fair Corretora, Hideaki Iha, afirma que houve relatos de bancos comprando dólar também com a possibilidade de que saída de recursos do País. O diretor de câmbio da corretora Ourominas, El-

DE OLHO EM HADDAD

Em dia de retomada da pressão no câmbio, o Ibovespa lutou até o início da tarde, mas não conseguiu segurar a linha dos 131 mil pontos, convergindo para os 130.729,93 pontos, em baixa de 0,37% no fechamento. O giro financeiro permaneceu moderado na sessão, a R\$ 17,1 bilhões. Na semana, o Ibovespa ainda avança 0,64%, cedendo 0,82% no mês e 2,58% no ano. Enquanto aguarda a definição do governo sobre cortes de gastos, tanto o dólar como os juros futuros se mantiveram em alta, refletindo também ambiente externo um pouco mais arisco. "O mercado está se preparando para uma vitória de Trump. Eventual vitória dele deve resultar em fortalecimento do dólar, e também em inflação e juros americanos mais altos por mais tempo. A democrata Kamala Harris, sem um Senado a seu favor, não conseguiria promover muitos ajustes", diz Keone Kojin, economista da Valor Investimentos, destacando o elevado grau de incerteza e aversão a risco que prevalece no momento, e que deve prosseguir no curto prazo. No Brasil, a atenção se volta à indicação de que o governo anuncie em breve os prometidos cortes de gastos. "O consenso é de que venha um corte de R\$ 30 bilhões. Algo abaixo desse valor pode trazer ruídos e estresse" ao mercado, observa Inácio Alves, analista da Melver. As duas principais ações do Ibovespa não colaboraram ontem: Vale ON chegou a subir, mas no fim acabou recuando 0,35%, e a Petrobras perdeu 0,25% na ON e 0,22% na PN.

son Gusmão, destaca a falta de ânimos do governo em relação ao fiscal. "Era prometido para logo após as eleições municipais, já houve reunião ontem entre o ministro (da Fazenda) Fernando Haddad e o presidente Lula, mas ainda nada de concreto". Haddad está fazendo movimentos para blindar seus planos de corte de gastos. A ideia é evitar que o projeto seja alvo de ataques dentro do próprio governo, o que poderia começar a desilustrá-lo ainda antes do início das discussões formais. Após o dólar acelerar alta, Haddad disse no meio da tarde que as conversas em torno da agenda de corte de gastos estão avançando e reiterou que não há veto de Lula às medidas. Porém, o ministro não deu nenhuma data para lançamento do plano. (Estadão Conteúdo)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Economia Caderno: B Pagina: 1